



Qual será o futuro do “país do futuro”?

O Brasil não é pensado como nação, mas como balcão de negócios.

O Brasil foi reduzido a um exportador de matérias primas, com um ambiente inóspito ao ponto de impedir o desenvolvimento de uma indústria de ração de animais competitiva o suficiente para a exportação.

Produzimos 147,35 milhões de toneladas de soja, e procuramos mercados externos para exportar a matéria-prima, sem qualquer possibilidade de desenvolvimento de uma indústria de ração animal no país.

Mesmo com um cenário de guerra mundial se desenhando, o Brasil não tem uma estratégia de desenvolvimento de longo prazo, nem mesmo uma estratégia que reforce seus pontos fortes — quem dirá pensar em desenvolver setores para aumentar seu poder e soberania.

A possibilidade de guerra não assusta nossas elites, a crise econômica interna, a possibilidade de uma recessão americana e a crise econômica mundial — nada parece mexer com os brios dos nossos

tomadores de decisões da banana. Nossa elite sabe que nas condições precárias de nossa nação não surgirá uma nova elite, seus postos, negócios e cargos não estão e não estarão sob ameaça — e essa é uma posição confortável para nossas elites.

Armínio Fraga pode perder sua influência? Lemann está à beira da falência? Nem de longe, na verdade tenho a impressão que as figuras citadas estão escalando sua influência e poder. Tudo o que nos ameaça existencialmente enquanto povo, como crises econômicas, guerras em grande escala e a possibilidade de estagnar eternamente como uma nação de terceiro mundo é um problema nosso, as soluções para esses problemas não virão de nossa

elite.

Importa hoje em dia para os figurões do Brasil se acomodarem ao mundo globalizado, fazendo acordos com estrangeiros claramente interessados em manter o Brasil subdesenvolvido enquanto consegue algum lucrinho e algumas fotos com membros do WEF. No Brasil é proibido pensar nos problemas reais do país, principalmente nos problemas que alligem o povo que claramente já está reivindicando seu posto de grande política no jogo institucional. No nosso país somos constantemente coagidos a não pensar no desenvolvimento da soberania, a mídia e todo o debate público nos levam a pensar que o mundo é um bairro de classe média alta onde o Brasil é o quitandeiro -

basta ter uma boa relação com todas as nações, basta vender seus produtinhos e colocar seu dinheirinho no bolso. É improvável que o status da América como principal potência mundial seja contestado por qualquer adversário durante mais de uma geração. É provável que nenhum Estado se compare aos Estados Unidos nas quatro dimensões principais do poder — militar, econômico, tecnológico e cultural — que conferem influência política global. Sem a abdicção americana, a única alternativa real à liderança americana é a anarquia internacional. Mas as fraturas do mundo globalizado já são visíveis, os EUA não têm mais a capacidade de projetar seu poder e manter sua Pax dissuasiva.

É preciso pensar um Brasil capaz de cuidar de si mesmo, um país minimamente independente — porque não temos o direito de privar da liberdade as gerações vindouras.